



Com a desvalorização do real, artigos como o trigo, os combustíveis e os medicamentos, que são importados, sofrerão reajustes de acordo com a variação do dólar, pesando mais uma vez no bolso dos consumidores

Brasil no túnel do tempo inflacionário

FLÁVIA BARBOSA

Os preços voltarão a ocupar lugar de destaque entre as preocupações dos brasileiros em 1999. Importantes grupos de produtos atingidos pela desvalorização do real terão impacto sobre os principais índices de inflação, que poderão, até mesmo, chegar aos dois dígitos – algo que não acontece desde 1995, quando a inflação começava seu trajeto ladeira abaixo. Nos cálculos da Fundação Getúlio Vargas, o Índice de Preços ao Consumidor – Brasil (IPC-BR, para Rio e São Paulo) sofre impacto de 8,78% com uma desvalorização média de 30% este ano – o que, somado à inflação projetada no fim de 1998 de cerca de 2%, resulta em reajuste médio de 11% nos preços.

“O cenário está muito incerto, o que torna as previsões difíceis. Porque não está clara a política econômica e não se sabe se a retração da

demanda vai segurar os preços”, avalia Luís Elias Marcelino, técnico do Centro de Estudo de Preços da FGV.

A chefe do Departamento de Índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Márcia Quintslr, concorda. “Mudou completamente a estratégia econômica. A única certeza é que vários produtos serão impactados pela desvalorização cambial, sobretudo medicamentos, combustíveis, peças e acessórios para carros, derivados de trigo e algumas tarifas, como de ônibus e de energia”, avalia.

Aumentos – O IBGE previa inflação na casa de 1% este ano, mas a projeção foi completamente abandonada. Para a FGV, na melhor das hipóteses, com desvalorização média de 20% em 1999, o impacto inflacionário sobre o IPC-BR já seria de 5,85%. Percentual, sem levar em consideração nenhum outro reajuste na economia, três vezes e meia

maior do que o da inflação do ano passado, de 1,66%.

O bolso do consumidor vai sentir a diferença. Para se ter uma idéia do impacto: panificados e biscoitos, cujos preços haviam recuado 1,5% em 1998, projetam aumento de 0,56% só repassando o custo cambial. Vestuário, seguindo a mesma lógica, passará de uma queda de preços de 9,2% a uma alta inicial de 1,7%. “Para o impacto não ser tão forte, só se o comércio anunciasse novos preços e, após queda nas vendas, voltasse ao antigo patamar”, explica Márcia Quintslr.

Nas contas de Luís Elias Marcelino, pelo menos 18 itens da cesta de pesquisa do IPC-BR terão aumento certo por conta das mudanças no câmbio. Ele e a chefe do departamento do IBGE afirmam que os reajustes só serão sentidos a partir de fevereiro ou março. “Os institutos estão acabando de coletar preços de ja-

neiro. A inflação reaparecerá, mas é importante notar que esse movimento é sazonal, ainda não é reflexo do câmbio”, explica Márcia.

Alvo – A classe média sentirá o impacto mais forte da alta dos preços, na comparação com o peso dos itens no cálculo dos índices (INPC, para famílias que ganham entre um e oito salários mínimos, e IPCA, para aquelas que recebem entre um e 33).

Transporte e comunicação deverá ser a maior puxada no orçamento. Com 12,9% de peso para a classe C e 19,4% de peso para a classe média, o item é muito influenciado pela provável alta dos combustíveis. Se por um lado os que ganham menos podem vir a gastar mais com transporte público, por outro os mais abastados vão desembolsar mais com os gastos para manutenção de seus carros. Peças e consertos ficarão mais caros e gasolina e álcool respondem por

3,05% da composição da inflação – contra 1,32% no INPC.

Eletroeletrônicos também devem encarecer, pesando ainda mais no orçamento da família média brasileira. Em habitação, há um equilíbrio, já que aluguel e condomínio estão fora do horizonte de aumentos. A pressão em casa se dará nos prováveis reajustes de energia elétrica e gás de botijão e encaçado. Vestuário divide os especialistas em preços, mas em telecomunicações a aposta é de queda de preços, devido à concorrência que se instalará com a chegada das empresas-espelho do antigo Sistema Telebrás.

Comida – A alimentação, com peso maior para os mais pobres, traz boas e más notícias. De um lado, derivados do trigo – pães, massas, biscoitos – deverão sofrer aumentos já que o Brasil é grande importador de grãos. Laticínios, azeite de oliva, alguns cereais e frutas importadas (como a maçã argentina e o kiwi) tam-

bém pressionarão os custos do grupo. O arroz também pode encarecer. Frangos e ovos estão no limite. Para Márcia Quintslr, tanto podem subir, pelas rações importadas, como podem ficar estáveis, já que a exportação no setor pode crescer e, com os ganhos das vendas externas, amortizar o encarecimento das rações.

Na outra ponta, não há motivos para altas de preço de carnes, feijão e verduras. Mesmo o arroz, segundo a especialista do IBGE, tem boa produção interna, ficando a importação concentrada a épocas do ano por causa da safra. Márcia Quintslr destaca, ainda, que produtos influenciados pela dança do câmbio podem ter reajustes amenizados por medidas do governo. Os medicamentos, por exemplo, teriam na Lei dos Genéricos (compra pelo princípio ativo, e não pelo nome-fantasia) importante arma contra abusos de laboratórios farmacêuticos líderes de venda.